

**OS SETE VÍCIOS CAPITAIS E A PSICOLOGIA METAFÍSICA EM TOMÁS
DE AQUINO: APORTES PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA**

THE SEVEN DEADLY VICES AND METAPHYSICAL PSYCHOLOGY IN THOMAS
AQUINAS: CONTRIBUTIONS TO CLINICAL PSYCHOLOGY

LOS SIETE VICIOS CAPITALES Y LA PSICOLOGÍA METAFÍSICA EN TOMÁS DE
AQUINO: CONTRIBUCIONES A LA PSICOLOGÍA CLÍNICA

Airilço Chaves Nantes

Orientador: Prof. Dr. Daniel Laiber Bonadiman

RESUMO

Mediante uma revisão sistemática este artigo teve como objetivo central apresentar a teoria dos sete vícios capitais em Tomás de Aquino que descreve de modo magistral certas inclinações inatas e neutras que residem na interioridade de cada ser humano. Estas tendências ou inclinações inerentes ao ser humano, se manifestam fenomenicamente em sete comportamentos: orgulho, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. O presente artigo descreverá e caracterizará cada um dos sete vícios, tendo como base o pensamento de Tomás de Aquino em seguida, estabelecer-se-á um breve diálogo com a psicologia, em nível clínico, para fazer notar que a mesma teoria dos vícios, pode ser manuseada contemporaneamente, sendo capaz de contribuir para uma maior e melhor compreensão dos fenômenos humanos atuais que em sua gênese, podem ser resultantes dos vícios. Como resultado, identificamos que comportamentos como: consumismo exagerado, desejo desmedido por poder, ânsia por dinheiro, busca irracional compensações sexuais instantâneas, sensação de inveja ou ciúme em demasia, agressividade, preconceito, procrastinação, entre outros, assemelham-se um pouco com a teoria dos vícios desenvolvida por Tomás de Aquino. Concluímos que a teoria metafísica dos sete vícios em Tomás de Aquino continua relevante, operante e capaz de contribuir na elucidação de fenômenos emergentes na psicologia clínica.

Palavras-chave: Tomás de Aquino; vícios capitais; psicologia.

ABSTRACT

Through a systematic review, this article aims to present Thomas Aquinas' theory of the seven deadly sins, which masterfully describes certain innate and neutral inclinations residing within each human being. These tendencies or inclinations inherent in human beings manifest phenomenally in seven behaviors: pride, avarice, lust, wrath, gluttony, envy, and sloth. This article will describe and characterize each of the seven vices, based on the thought of Thomas Aquinas, and then establish a brief dialogue with psychology, at a clinical level, to highlight that the same theory of vices can be applied contemporaneously, contributing to a greater and better understanding of current human phenomena that, in their genesis, may be the result of vices. As a result, we identified that behaviors such as: excessive consumerism, an immoderate desire for power, craving for money, irrational pursuit of instant sexual gratification, excessive feelings of envy or jealousy, aggressiveness, prejudice, procrastination, among others, somewhat resemble the theory of vices developed by Thomas Aquinas. We conclude that the metaphysical theory of the seven vices in Thomas Aquinas remains relevant, operative, and capable of contributing to the elucidation of emerging phenomena in clinical psychology.

Keywords: Thomas Aquinas; capital vices; psychology.

RESUMEN

Mediante una revisión sistemática, este artículo pretende presentar la teoría de Tomás de Aquino sobre los siete pecados capitales, que describe magistralmente ciertas inclinaciones innatas y neutras que residen en cada ser humano. Estas tendencias o inclinaciones inherentes al ser humano se manifiestan fenomenalmente en siete comportamientos: soberbia, avaricia, lujuria, ira, gula, envidia y pereza. Este artículo describirá y caracterizará cada uno de los siete vicios, con base en el pensamiento de Tomás de Aquino, y luego establecerá un breve diálogo con la psicología, a nivel clínico, para destacar que la misma teoría de los vicios puede aplicarse contemporáneamente, contribuyendo a una mayor y mejor comprensión de los fenómenos humanos actuales que, en su génesis, pueden ser resultado de vicios. Como resultado, identificamos que conductas como el consumismo excesivo, el deseo desmedido de poder, el ansia de dinero, la búsqueda irracional de gratificación sexual instantánea, los sentimientos excesivos de envidia o celos, la agresividad, los prejuicios y la procrastinación, entre otras, se asemejan en cierta medida a la teoría de los vicios desarrollada por Tomás de Aquino. Concluimos que la teoría metafísica de los siete vicios de Tomás de Aquino sigue siendo relevante, operativa y capaz de contribuir al esclarecimiento de fenómenos emergentes en la psicología clínica.

Palabras clave: Tomás de Aquino; vicios capitales; psicología

1 INTRODUÇÃO

O termo capital, de acordo com Tomás de Aquino (St, I-II, q. 84, a. 3), provém do latim *caput*, significa cabeça, liderança, aquele que gera outros por causa final. Os vícios capitais, em si, não são pecados nem condutas ilegais, pois não são ações ou omissões, mas estados afetivos que denotam uma desordem interna. Na compreensão de Echavarría (2020), os vícios capitais são superados pela prática das virtudes opostas, de modo que, o orgulho é superado pela humildade, a avareza pela generosidade, a luxúria pela castidade, a ira pela paciência, a gula pela temperança, a inveja pela caridade e a preguiça pela diligência e prontidão.

Na análise de Drummond (2014), ao se rastrear a história do termo, deve-se remontar primeiramente ao apóstolo Paulo e sua carta aos Gálatas (5,19-21), onde se descreve uma listagem, do que o apóstolo denominou como frutos da carne. Posteriormente, outros autores como Tertuliano (160 - 220); Clemente de Alexandria (150 - 215); Orígenes de Alexandria (185 - 283); Santo Ambrósio de Milão (340 - 397); Santo Agostinho de Hipona (354 - 430. Sermão 152: a luta entre o espinho e a carne); São Gregório Magno (540 - 604); São João Clímaco (579 - 649); Santo Isidoro de Sevilha (560 - 636), Alcuino o monge (740 - 804); Hugo de São Victor (1096 - 1141); Pedro Abelardo (1097 - 1142); Dante Alighieri (1265 - 1321); Tomás de Aquino (1225 - 1274), dentre outros filósofos, teólogos e escritores cristãos, também trataram sobre o tema dos vícios capitais em suas respectivas obras.

Mesmo que autores, como os acima citados e outros, tenham abordado a temática dos vícios ou más inclinações do apetite sensitivo, a primeira designação dos vícios capitais, muito semelhante ao que temos hoje, deve-se ao monge do deserto Evágrio Pôntico (345 - 399 d. C) e sua obra Tratado Prático, ou Monge. Nesta obra, o monge do deserto Evágrio, mediante acurada observação, descreve oito pensamentos maus (gula, luxúria, avareza, tristeza, ira, acídia, vanglória e orgulho) que rondavam a vida do monge e impedia-o de ascender espiritualmente.

Seria muito oportuno conhecer o modo como estes grandes autores cristãos trataram acerca da temática, principalmente a perspectiva de Evágrio, mas, por opção metodológica, propor-nos-emos uma abordagem sobre os vícios capitais a partir da ótica de um destes autores clássicos, no caso, Tomás de Aquino, tendo como texto base duas de suas obras: Questões disputadas sobre o mal (De Malo, 8-15) e a Suma Teológica (II-II).

1.1 Delimitação conceitual

Segundo Echevarría (2020), há uma diferença sutil entre pecado e vício, e esta diferença reside no fato de que o pecado é um ato transitório, enquanto o vício é um hábito permanente, causador de novos pecados e desordens. Sendo assim, os pecados ditos capitais, são mais propriamente vícios, segundo Tomás, porque são a origem e a fonte de onde emanam inúmeros outros pecados.

O mesmo Tomás de Aquino no De malo (q. 8, art. 1), define vício como sendo o oposto á virtude, uma forte inclinação da natureza humana decaída pelo pecado, de modo que, estes mesmos vícios, atuam como a cabeça (capita) de pecados mais graves, por isso, tais vícios, devem ser contidos e superados pelo cultivo de virtudes que atuam como um contrapeso ou antídoto paralisante.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente artigo tem como referência principal Tomás de Aquino, sua obra intitulada Suma Teológica (II-II) e as Questões Disputadas sobre o mal (De malo, cap.8-15), onde se encontra desenvolvida a teoria metafísica dos vícios capitais. Nosso intento será apresentar, ainda que sucintamente, os fundamentos metafísicos da teoria dos vícios capitais, que ao nosso entender, se constitui como uma análise das inclinações humanas, segundo o qual, torna-se possível estabelecer um diálogo contemporâneo entre a teoria metafísica dos vícios e seu aspecto psicológico.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a escrita deste texto foi desenvolvida com base em uma pesquisa de revisão sistemática, tendo como base de dados o Gogle Scolar e Scielo, priorizando produções em língua espanhola, tendo como autores escolhidos, especialistas no autor e na temática.

A principal referência bibliográfica utilizada foi a obra intitulada: Questões disputadas sobre o mal (De Malo, cap. 8-15) e a segunda parte da segunda parte da Suma Teológica, além de alguns comentadores mais relevantes. Nosso objetivo foi duplo: a) Conceitualizar e caracterizar a temática dos sete vícios capitais em Tomás de Aquino em duas de suas obras; b) Analisar as contribuições do termo vícios capitais em Tomás de Aquino e como tal teoria pode ser analisada em âmbito psicológico. Este duplo objetivo possibilitou a conclusão de que o pensamento de Tomás de Aquino, bem como seus fundamentos metafísicos-psicológicos possuem grande relevância para a temática da psicologia, principalmente em âmbito clínico.

4 RESULTADOS

4.1 Descrição e análise sucinta dos sete vícios capitais em Tomás de Aquino

O egocentrismo, conforme Echavarría (2020), está na base dos sete vícios capitais, como uma forma de auto centramento de natureza hedonista, com o foco exclusivo na própria satisfação imediata e incontrolada. Vejamos, ainda que muito sucintamente cada um dos sete vícios capitais propostos nas Questões disputadas, situada entre os capítulos oito á quinze e na suma de teologia (II-II).

4.2 Orgulho ou soberba

Para Aquino (DM, q. 8, art. 3), a soberba é um pecado especial, por que corrompe todas as virtudes, todos os poderes da alma, atuando como uma doença geral e pestilenta. Gregório Magno em sua obra *Moralia* (liv. 34, c 23,n.48), afirma que o orgulho é o desprezo, ou modo sútil, pelo qual o homem substitui a graça divina pela sua própria excelência, agindo da mesma forma que Eva no primeiro jardim (Gn 3).

De acordo com Aquino (2015), o orgulho ou soberba, termos sinônimos, são um sentimento de superioridade frente aos outros, que produz atitudes de distanciamento, fechamento e depreciação, pois, para o orgulhoso, os demais indivíduos não são sujeitos, mas objetos, secundários e dispensáveis. O mesmo Tomás de Aquino (2015) no *De Malo*, aprofunda a temática descrevendo que a pessoa soberba apresenta, ao menos, seis traços marcantes, que são: a) Apaixonamento por si mesmo. b) Excessiva necessidade de reconhecimento. c) Acentuada incapacidade de sofrer. d) Falta de compaixão para com o próximo. e) Forte reação depressiva ante a frustração. f) Dificuldade em pedir e aceitar ajudas.

O mesmo Tomás de Aquino (DM, q. 8, a. 2, ad 15) acentua que o indivíduo que atua movido pelo orgulho ou soberba, é aquela que tem um amor desordenado pelo seu próprio bem, duvida da existência de bens superiores aos seus, age de forma cética e desrespeitosa para os demais, por que, alimenta um apetite imoderado pela própria excelência, chegando ao ponto de diminuir os êxitos alheios. No *De Malo* (2015), Tomás especifica que o orgulho, como afirmava Gregório Magno, por ser o líder dos demais vícios, atua como mãe e rei, por ser a origem e o fim último de todos os demais vícios.

4.3 Ira ou raiva

Para Tomás de Aquino (St II-II, q.158, art.8), o vício capital da ira ou raiva, relaciona-se com a capacidade apetitiva que os seres humanos possuem e que por sua vez, compartilham com muitas espécies animais. Esta raiva enquanto paixão sensível, geralmente costuma vir acompanhada por uma comoção orgânica e corporal, involuntária e moralmente indiferente. O mestre dominicano observa que a ira ou raiva, é um movimento da vontade, que se expressa quando um indivíduo percebe algo contrário ao seu desejo e, que por isso, age intencionalmente na tentativa de reparar esse dano, infligindo um malefício em algum grau ao que lhe provoca este dano.

A ira, de acordo com Tomás de Aquino (2015), pode ser descrita como um ímpeto de demolição, ou auto demolição, pois, a pessoa irada tende a ser mais impaciente, intolerante, nutre desejos demorados de vingança e encontra sérias dificuldades para perdoar ofensas.

Tomás de Aquino (St II-II, q.12,art.1), citando João Cassiano (360 - 435), concluiu que todo movimento exaltado de ira, por qualquer motivo que seja, cega os olhos do coração e da razão, fazendo com que o indivíduo acometido por tal vício, atue de modo desequilibrado, ainda que movido por uma justa causa.

Para Tomás de Aquino (2015), a ira é uma emoção neutra, podendo ser boa ou má, dependendo das ações subsequentes, de modo que a pessoa, em cujo vício da ira predomina, possui ao menos cinco traços marcantes, que são: a) Fortes tendências ao ressentimento e vingança; b) Tende a encontrar mais dificuldades para perdoar, esquecer ofensas e seguir em frente; c) Possui fortes propensões a se considerar mais como vítima; d) Muito facilmente tendem a reprimir impulsos raivosos e entristecer-se; e) O vício da ira tende a ser mais presente em indivíduos com traços acentuados de perfeccionismo.

De acordo com Tomás de Aquino (2015), a ira ou raiva, aparece unida a outras paixões, como a tristeza, o desejo e a esperança, de modo que, quem sente raiva,

experimenta uma certa tristeza frente a um dano, mas, movido por um desejo de esperança, busca reparar este mesmo dano sofrido, embora de forma equivocada e desproporcional. O mesmo Tomás de Aquino (2015), afirma que em certas ocasiões, é lícito e moralmente válido experimentar raiva, particularmente se está atuando corretamente e conforme a justiça.

4.4 Inveja

Conforme Echavarría (2020), o termo inveja, provém do latim *in-videre*, se define como sendo um tipo de tristeza, dor psicológica, sentida mediante a comparação com os semelhantes, logo, a inveja é uma observação dolorosa da ausência, equivocadamente auto percebida, que ocorre quando se olha mais para o outro do que para si próprio.

Tomás de Aquino no De Malo (q.10, art.11), aponta que, o que atua movido pelo vício da inveja, age determinado a impedir que seu próximo obtenha êxitos que lhes são legítimos, devidos e de direito.

Na percepção de Echavarría (2020), a inveja é uma espécie de ciúme, geralmente dos pares e pessoas mais próximas, ao perceber que estes, por mérito e justiça, obtiveram êxitos. Sendo a inveja um tipo de tristeza frente aos êxitos e qualidade alheias, não poucas vezes, o ato movido pela inveja fere o invejoso e aniquila o invejado. Tomás de Aquino, na sua Suma teológica (II-II, q.36) parafraseando Gregório Magno, identificava ao menos cinco traços preponderantes que a inveja produz, que são: a) O ódio, produzido pela constatação do êxito alheio; b) A fofoca como forma sutil de depreciação dos êxitos alheios; c) A calúnia ou difamação, que consiste na destruição dos méritos alheios; d) A alegria pela adversidade do próximo; e) A acentuada tristeza pela prosperidade alheia.

Cada uma dessas filhas da inveja, segundo Tomás de Aquino na Suma Teológica (II-II, q.132), atuam de modo ordenado no intuito de sempre diminuir a glória dos outros, seja secretamente, por meio da fofocas, ou abertamente, mediante a difamação pública.

Na perspectiva de Echavarría (2021), aquele que planeja diminuir a glória alheia, quando alcançar tal intento, encontra alegria nesta adversidade, mas, caso não consiga tal objetivo, experimenta grande tristeza diante da prosperidade do indivíduo invejado. Por fim, pode-se concluir que o objetivo final da inveja é o ódio, pois assim como o bem delicioso causa o amor, a tristeza causa o ódio.

Para Tomás de Aquino (2015), a inveja é um vício capital grave porque engendra em si uma espécie de maldade que se inicia pela tristeza do bem alheio, conduz a uma ação para diminuir os logros alheios, para chegar ao fim, que é a alegria pelo infortúnio do invejado. A Sagrada Escritura possui vários relatos que retratam este vício da inveja (Gn 4,7; Gn,37; 1 Sam.18,1-16; Mc 15,9-15), bem como suas consequências nefastas e perversas.

4.5 Avareza

O termo avareza, para Villegas (2018), tem suas raízes no grego, *filargia*, e não deve ser entendida apenas como o desejo de prata ou dinheiro, mas sim, como uma certa ânsia por tudo o que se deseja desmedidamente, por isso, a avareza se assemelha muito à luxúria e à gula, mas aplicada à aquisição obsessiva de realidades materiais, no intuito de que, tais realidades, atuem como porto seguro.

Para Aquino, em sua obra *De Malo* (q. 13, art. 1,3), a avareza, em sentido mais amplo, é o desejo desordenado por qualquer tipo de bem, é o voltar-se para um bem mutável e transitório, movido pelo desejo desordenado de possuir mais do que o necessário. Com base na análise de Tomás de Aquino, o vício capital da avareza produz ao menos, cinco filhas, ou preponderâncias, que são: a) Usura, que consiste em cobrar juros excessivos sobre empréstimos; b) Fraude e propina, quando se engana para obter ou reter bens materiais indevidos e não lícitos; c) Roubo, como forma de a apropriação indevida da propriedade alheia; d) Mesquinharia ou relutância em compartilhar, que geralmente manifesta-se no apego desordenado a uma realidade material ou abstrata; e) Falta de caridade, pois, muitas vezes, a ganância, que produz mesquinharia, impede o

avarento de ser generoso para com os outros, o que representa uma ausência de caridade e cuidado pelo bem alheio.

A avareza, para Tomás de Aquino (ST, II-II, q. 118) é uma inclinação por possuir coisas, julgando equivocadamente que tais bens, produziram segurança, conforto, felicidade duradoura e estabilidade permanente. A avareza enquanto vício capaz de engendrar outras desordens, manifesta-se na ânsia por buscar segurança nas coisas temporais, desconsidera-se os bens eternos, tornando o indivíduo acometido por tal vício, obcecado pelo acúmulo de riqueza, fazendo com que esta mesma obsessão leve-o a roubar, atuar com violência, engano ou manipulação, para adquirir o bem ansiosamente almejado.

4.6 Luxúria

De acordo com Villegas (2018), o termo luxúria tem sua raiz etimológica no grego *phornéia* e se caracteriza pela produção de pensamentos excessivos de natureza erótico-sexual. O vício capital da luxúria não reside nos órgãos genitais externos, conforme Tomás de Aquino (2015), mas habita na mente, no olhar desprovido de pureza e retidão, no desejo desmedido pelo gozo, de modo que a luxúria como desordem materializada, manifesta-se como a alegria da mente, materializando-se na pornografia, na masturbação, na busca por corpos sempre mais atraentes.

A luxúria, segundo Santo Tomás em sua Suma Teológica (II-II, q. 153,4-5), é um vício capital com oito filhas ou consequências primárias que muito facilmente podem ser observadas, que são: a) A cegueira mental, pois, a beleza dos corpos fascina, cega e perverte o coração, conforme o livro bíblico de Daniel (13) descreve; b) A irreflexão, de modo que a luxúria, não admite deliberação nem conselho, nem o possui em si mesmo; c) A terceira filha é a pressa, como tendência em consentir prematuramente, sem esperar o julgamento da razão; d) A quarta filha é a inconstância, como impedimento de permanecer naquilo que se escolheu livremente; e) A quinta filha da luxúria é o egoísmo, que altera a vontade, fazendo-a tender, acima de tudo, para o próprio prazer imediato; f)

A sexta filha é o ódio a Deus, pois, a pessoa em cuja luxúria é persistente e forte, odeia a Deus, não diretamente por ser Deus, mas porque ela sabe, que a divindade impõe limites morais, sendo estes, contrários a tais movimentos; g) A sétima filha é a afeição desordenada pelo mundo presente, pelos prazeres imediatos e momentâneos; h) Por fim, a oitava e última filha da luxúria é o desespero do futuro, nascido do desprezo pelos prazeres espirituais, que, devido ao apego pelos prazeres e bens imediatos, tornam-se irrelevantes, difíceis e dispensáveis.

Uma vez fora de controle, a luxúria pode levar a compulsões sexuais, distúrbios psicológicos, adultérios, outras formas de infidelidade, de modo que, segundo Tomás de Aquino (2015), o vício da luxúria se expressa mediante uma desordem interna, por não ser proporcional à geração de descendentes, por não primar pelo bem alheio e por não se direcionar a caridade.

4.7 Gula

Tomás de Aquino no *De Malo* (q. 14, art. 4), afirma, que a gula é o contrário à virtude da temperança, por que, na glutoneria, há uma perda da razão em detrimento do comer e beber em excesso, de modo que no beber e se alimentar de modo desordenado, o indivíduo entorpece a razão, que por sua vez, produz uma alegria tola, gerando uma desordem na esfera da escala de bens, absolutizando o prazer imediato.

Tomás de Aquino, na *Suma de teologia* (II,II, q.148) apresenta ao menos cinco especificidades que o vício da gula produz, que são: a) Embotamento dos sentidos, produzidos falta de moderação na comida e na bebida, gerando por sua vez uma cegueira mental. Já no extremo oposto, a abstinência promove a acuidade da percepção, como é dito em *Eclesiastes* (2,3): “Eu pensava em libertar a minha carne do poder do vinho, para elevar a minha alma à sabedoria”. Este embotamento mental torna os indivíduos superficiais, incapazes de penetrar e ler as realidade em seu sentido profundo; b) Uma alegria tonta, pois, uma vez que a razão fica adormecida pelo excesso de comida e bebida, as outras paixões desordenadas passam a comandar, conforme diz o livro

bíblico de Esdras (3,20): "O vinho faz crer que tudo é segurança e alegria"; c) A loquacidade, ou seja, depois de plenamente fatigados, geralmente os glutões tornam-se falantes contumazes, faladores compulsivos; d) A bufonaria, que é a alegria tola da ausência de razão, pois, uma vez repleto de comida e bebida, as pessoas tendem a gritar, externalizar seus sentimentos, proferindo às vezes palavras ridículas, como menciona a carta aos Efésios (1,15); e), estando a gula ligada aos prazeres do comer e beber, expressam muito claramente um amor intrinsecamente desordenado pela criatura, o qual, esquecendo-se do seu Criador, coloca a comida e a bebida como fim último, como fontes de felicidade e eterna saciedade.

Mas, o homem, conforme Brummond (2014), não pode satisfazer-se plenamente com as realidades instantâneas, porque em seu íntimo há uma ânsia por algo maior, mais excelso, mais transcendente, por isso, a grande questão da gula é o excesso e a busca desenfreada por novidades. O tempo de permanência nas redes sociais, principalmente nos jogos on-line, são uma forma de manifestação da gula, uma ânsia persistente por algo mais.

4.8 Preguiça ou acídia

A acídia, etimologicamente provém do grego *akèdia*, conforme Villegas (2018), significa falta de cuidado. Esta preguiça ou acídia, também chamada de demônio do meio-dia, atacava o monge logo após o almoco. Para Tomás de Aquino em sua obra *De Malo* (q. 11, art. 4), a preguiça é um vício capital, por que o preguiçoso, em um primeiro momento se esquivava dos bens maiores, melhores e eternos, para, logo em seguida, entregar-se aos bens menores, supérfluos e passageiros.

Tomás de Aquino na *Suma Teológica* (II-II, q.35), citando São Gregório e sua obra *Moralias* (q.31), atribui a preguiça, ao menos seis consequências, ou filhas, que são inerentes e que facilmente podem ser observadas empiricamente: a) Malícia, como forma de divagação da mente para o ilícito; b) Rancor, que se assemelha muito ao ódio, que nasce da inveja; c) Pusilanimidade, com ausência de firmeza, ou forma de timidez e

medo; d) Desespero, marcado pelo temor, não poucas vezes fruto de um perfeccionismo espiritual; e) Indolência para com os mandamentos; f) Divagação da mente para o que é ilícito, que não parecem originar-se propriamente da preguiça.

Talvez, uma das melhores definições de preguiça de acordo com Echavarría (2020), é, toda resistência ao esforço e ao sacrifício, pois, o preguiçoso, não tem um ideal de perfeição, mas de facilidade, mas de comodidade e mediocridade. Os que são acometidos por este vício, algumas vezes, podem ser percebidos equivocadamente como humildes, tranquilos, mas na verdade, tal postura indica fuga do esforço, contentamento com pouco, não por virtude, mas por indolência, por medo, por insegurança, por inação.

Os acometidos por este vício, preferem a inércia do empregado que enterrou o talento (Mt 25,14-30), ao esforço e proatividade dos dois demais servos que multiplicaram os dons recebidos, assim que receberam tal tarefa.

Os vícios capitais, segundo o mesmo Fuentes (2021), não direciona o homem para o mal enquanto mal, mas, faz com que ele almeje o bem de forma desequilibrada, fora da harmonia que todo bem deve manter. Estes vícios, enquanto más inclinações e debilidades intrínsecas, introduziram como que fissuras e desequilíbrios internos.

6 DISCUSSÃO

6.1 A psicologia metafísica de Tomás de Aquino e suas contribuições para a psicologia clínica

Mesmo que o ambiente da clínica psicológica não seja o espaço adequado para o manuseio de questões morais e religiosas, ainda assim, segundo Villegas (2020), os psicólogos devem saber lidar com o sentimento de culpa, temor de punição, contrição por um dano causado, dentre outros.

Afirma Villegas (2020), que, em uma sociedade onde a laicidade e o laicismo predominam, o profissional da saúde mental, no caso o psicólogo, se tivesse acesso a

teoria dos vícios capitais desenvolvida por muitos autores de matriz cristã, dentre eles, Tomás de Aquino, identificariam que esta desarmonia interna provocado pelos presentes vícios, estão relacionados com uma série de transtornos abordados pela psicologia em ambiente clínico e social.

Villegas (2020) adverte que relacionar psicologia e vícios, ainda que possa aparentar um anacronismo ou equívoco epistemológico, não o é, pois, o que se pretende é relacionar elementos antropológicos como liberdade, responsabilidade, escolha, influências. Deve-se ainda recordar que uma teoria metafísica dos vícios, manuseia a premissa que de que as condutas narcisistas e egocêntricas, encontram nos mesmos vícios capitais sua gênese e causa primeira.

O mesmo Villegas (2020), destaca que transtornos psicológicos como obesidade (gula), preconceito racial ou xenofobia (orgulho,soberba), baixa autoestima (inveja), agressividade descontrolada impetrada contra si ou contra o próximo (ira), disfunções sexuais e pornografia (luxúria), ansiedade relacionada ao acúmulo de bens (avareza) e questões relativas a proscratinação (preguiça), estão entre as principais queixas que adentram na clínica psicológica.

Seguindo a mesma esteira de Villegas (2020), também Cucci (2008), destaca a importância da psicologia clínica, mais especificamente do psicólogo enquanto mediador ou facilitador, possuir um conhecimento antropológico, metafísico e teológico dos fenômenos humanos, para assim notar que os vícios capitais revelam e ocultam uma ânsia por algo bom, desejável e meritório, mas, levados a cabo de modo intrinsecamente desordenado.

Para Cucci (2008), a desordem moral e psicológica produzida pelos vícios capitais, denotam da submissão de bens maiores por bens menores, da inversão de valores mais elevados por desvalores, fazendo com que o indivíduo focalize suas energias e habilidades na realização de tais desejos descontrolados que, no início oferecem fortes recompensas afetivas, mas com o passar do tempo, tais compensações

tendem a diminuir, deixando espaço para experiências desprovidas de satisfação e vazio.

De acordo com Echavarría (2020), não se pode negar que o egocentrismo moral está na raiz dos vícios capitais, tornando-se um terreno fértil onde todos eles germinam, se correlacionam e propagam. A psicologia tomista, que tem seus fundamentos e princípios filosóficos em Aristóteles e Tomás de Aquino, descreve os vícios identificando-os como motivações estritamente egocêntricas, potencialmente danosas, oculta e latente no interior de cada indivíduo.

Fuentes (2021), em sua radiografia sobre os vícios capitais e sua abordagem em contexto clínico, aponta que tais realidades, tão abordada e desenvolvida pela teologia e espiritualidade cristã, por serem fenômenos humanos, podem estar subjacentes aos transtornos mentais, de modo que, no porão das compulsões consumistas e da ansiedade, habita a gula que devora tudo o que toca.

O mesmo Fuentes (2021), concorda com Villhegas (2020) e descreve que por detraz de atitudes destrutivas (violência) ou auto destrutivas (suicídio), geralmente se oculta uma ira reprimida ou descompensada. A queixa tão conhecida em ambiente psicológico denominada procrastinação, a redução drástica de atividades físicas, o rechaço do esforço, pode estar ocultando o vício da preguiça que paralisa tudo o que toca.

Os transtornos de personalidade narcisista (TPN), tão presentes como queixa em ambiente clínico psicológico, segundo Fuentes (2021), pode ser a manifestação exterior de uma forma sutil e forte de orgulho, arrogância e soberba. Também os muitos casos clínicos manifestos sob a forma de sentimentos de inadequação, insegurança, timidez e fobia social, poderiam estar camuflando o vício capital da inveja, que fere com a tristeza tudo o que toca.

Para Fuentes (2021), as compulsões sexuais, masturbação compulsiva, hiper exposição a pornografia e outros fenômenos de ordem sexual, podem estar ocultando a luxúria. E por fim, será que por traz dos transtornos de estresse e hiperatividade laboral,

não seja apenas uma manifestação exteriorizada do vício capital da avareza como ânsia indiscriminada por ter sempre mais?

Todas estas desordens provocada pelos vícios capitais, na opinião de Fuentes (2021), produzidas pelo mal primordial, ou pecado original (teoria religiosa), se materializam como debilidades psicológicas, descontroles, desequilíbrios afetivos e várias formas de desarmonia interna que provocam forte afetação orgânica, pois alma e corpo, estão intimamente interligadas.

Na análise de Cucci (2008), Villhegas (2020), Echavarría (2020) e Fuentes (2021), se as abordagens ou teoria psicológicas atuais, não fossem reféns de um cientificismo positivista e um materialismo epistemológico, passariam a considerar os aspectos morais e metafísicos da conduta humana, e assim, dotados de um saber mais filosófico, adotariam ferramentas capazes de avaliar e descrever prognósticos mais precisos e abrangentes.

Esta ótica metafísica e psicológica aplicada dos sete vícios capitais, conforme Villhegas (2020), permite ao psicólogo um olhar mais profundo, pois, considerando as realidades transcendentais, não apenas como dinâmicas meramente mecanicistas, mas, como o que de fato são, uma realidade ontológica, que leva em consideração a dimensão moral, que mesmo não sendo considerada relevante numa cultura laica e laicizante, ainda assim, continua existindo, agindo e se materializando nos transtornos psicológicos mais comuns.

De acordo com Echavarría (2024), a abordagem tomista dos vícios capitais como pressuposto de uma psicologia metafísica em Tomás de Aquino, é de grande relevância e atualidade em contexto clínico, por que parte da premissa de que a vida interior de cada indivíduo deve ser levada em consideração, de modo que a observação fenomenológica dos vícios como causadores de outras debilidades, deve fazer com o que aquele que procura um auxílio psicológico desenvolva a habilidade de auto observar-se e que o psicólogo saiba manusear ferramentas conceituais e epistemológicas.

Este ser humano, percebido como uma realidade transcendente metafísica, deve ser capaz de auto perceber-se, olhar para dentro de sua interioridade, pois, conforme Echavarría (2024), cada indivíduo deve converter-se em seu próprio psicólogo, sendo este de condição existencial ímpar, deve ser instruído a avaliar-se, auto notar-se, ou seja, devem desempenhar um papel ativo no tratamento de suas debilidades, convertendo-se em seu mestre interior, tarefa que o psicólogo deve auxiliar, mas, jamais exercer tal ofício como alguém que oferece respostas conclusas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Echavarría (2020), todos os vícios capitais, enquanto realidades que desordenam a reta razão, possuem uma certa correlação entre si, e esta relação possibilita um melhor conhecimento da psicologia moral dos respectivos vícios, pois, se apoiam mutuamente para fins atraentes que produzem outros vícios e dinâmicas externas estáveis.

O mesmo Echavarría (2020) destaca que a teoria dos vícios capitais em Tomás de Aquino evidenciam que estas realidades internas desordenadas e desordenadas, são potencializadores de outras dinâmicas internas, por exemplo, a avareza, leva a fraude, no intuito de obter uma gratificação financeira indevida. Sendo assim, os sete vícios, chamados capitais, são como que, na linguagem e compreensão de Gregório Magno, um general que conduz um exército, rumo a consecução de um fim determinado previamente.

Na percepção de Villegas (2018), a teoria dos sete vícios capitais de Tomás de Aquino, já no século XIII, apresentavam uma minuciosa descrição fenomenológica e descritiva, daquilo que hoje, a psicologia contemporânea, classifica por nomenclatura, como: desequilíbrio emocional, disfuncionalidades, desordens afetivas, sensações internas, etc. Estas terminologias atuais, não podem ser compreendidas como criações inéditas, até por que, Aristóteles, Platão, Cícero, Agostinho e Tomás de Aquino, já atuavam aos moldes da psicoterapia contemporânea, que, de acordo com Echavarría

(2021), tais autores clássicos, já haviam lançado as bases teóricas e práticas para a psicologia, principalmente em seu desenvolvimento em perspectiva clínica.

8 REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Summa de Teología**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (B.A.C.), 1994.

AQUINO, Tomás de. **Cuestiones disputadas sobre el mal**. Presentación, traducción y notas de Ezequiel Téllez. Colección de pensamiento medieval y renacentista. Eunsa. Ediciones Universidad de Navarra, S.A. España, 2015.

CUCCI, Giovanni. **Per un'antropologia integrale: filosofia e psicologia a confronto**, in Tredimensioni 2, p. 175-182, Roma, Itália, 2008

DRUMMOND, Albert. **As constituintes da moral medieval católica: como os vícios humanos se tornaram os sete pecados capitais**. Revista Mundo Antigo Ano III, V. 3, n° 05. Julho, 2014.

ECHAVARRÍA, Martín F. **Personalidad y mal moral. La conexión de los vicios**. Espíritu. LXIX. n.º 159. 71-94. 2020.

ECHAVARRÍA, Martín F. **A práxis da Psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino** / Martín F. Echavarría. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2021.

FUENTES, Ángel Miguel. **Los vicios capitales: radiografía psico-social**. Editorial del Verbo Encarnado. España, 2021.

VILLEGAS, M. **Psicología de los siete pecados capitales**. Barcelona, España: Herder. 2018.